

# O jovem Marx leitor de Epicuro

ROBERTO KENNEDY BASTOS\*

## Marx, a dialética hegeliana e o desvio epicurista

A análise da filosofia da natureza de Epicuro realizada por Karl Marx por ocasião da elaboração da sua tese de doutoramento intitulada *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*<sup>2</sup> demonstra uma decisiva inclinação pela doutrina atomista do filósofo do Jardim. Perante o determinismo de Demócrito, surge a questão central: Por qual motivo o jovem Karl Marx opta por Epicuro? Pretendemos aqui sustentar que esta tendência encontra a sua motivação primordial na perspectiva do materialismo prático contida na doutrina epicurista<sup>3</sup>, que habilita a reflexão sobre a liberdade. Para tal, vamos nos basear em duas prerrogativas filosóficas que orientam a distinção marxiana, quais sejam: a dialética hegeliana adaptada a uma concepção materialista e a crucial noção do desvio epicurista.

Essa investigação traz uma curiosa noção encontrada no poema do epicurista romano Lucrécio *De rerum natura* (sobre a natureza das coisas): o *clinamen*. Descrito como sendo o terceiro movimento do átomo, esse desvio é um acréscimo que tem como suposta a autoria de Epicuro. Todavia, nos alerta Moraes (2001) que não se conhece texto algum que justifique tal atribuição. E mais, que o poeta romano teria utilizado de tal recurso no afã de amparar a liberdade da consciência moral. Realizando um estudo do poema de Lucrécio, Michel Serres (2003) aponta que, do ponto de vista da física moderna, a noção do desvio do átomo é um absurdo lógico, geométrico, mecânico e físico. Em seu entendimento, constata ser lógico uma vez que é introduzida sem justificação, sendo causa de si antes de ser a de todas as coisas; geométrico, diz, por possuir uma definição

---

\* Doutorando em Filosofia na Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor auxiliar do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). E-mail: rklbastos@uefs.br

2 Vamos utilizar o título da versão brasileira da editora Boitempo de 2018, todavia, na bibliografia consta a edição portuguesa da Editorial Presença de 1972. Nessa edição, os cadernos preparatórios foram também traduzidos.

3 Para maior aprofundamento, ver: BASTOS, Roberto Kennedy de L. *Marx e o clinamen: gênese do materialismo?*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

incompreensível e forçada; mecânico, posto que, contrário ao princípio da inércia, conduziria ao movimento perpétuo; e, finalmente, físico, pois a experimentação não poderia fazê-lo ocorrer, afinal, ninguém jamais viu um corpo que cai desviar-se subitamente de sua trajetória. Moraes acrescenta que este recurso serviu de “munição”, enquanto argumento duvidoso, para que os detratores de Epicuro, antigos e modernos, pudessem escarnecer do filósofo ateniense. Para o filósofo da ciência francês, todavia, por um lado, é a expressão de uma doutrina antiga, mas, de outro, uma descoberta contemporânea que encontra refúgio na subjetividade, passando do mundo à alma, da física à metafísica, da teoria dos corpos inertes em queda livre à teoria dos movimentos livres do vivo. Ou, ainda, conforme Albinati (2005), seria o princípio da autoconsciência de Epicuro que permite pensar – no trânsito da física para a ética – a liberdade, indicando os limites de uma concepção atomística dos indivíduos e de uma liberdade do indivíduo singular abstrato. Seria, com efeito, esse o intuito de Marx ao dar maior ênfase a Epicuro em detrimento de Demócrito? Seria um esforço no sentido de apresentar a liberdade, explicada ao nível atômico, enquanto constituída a partir de um princípio que, negando a necessidade (do peso perante a atração da gravidade), operasse através da contingência e do acaso?

Antes de explicar o desvio enquanto o ponto mais importante da distinção do atomismo de Epicuro em relação ao de Demócrito, Marx apresenta os argumentos utilizados pelos latinos Cícero e Plutarco enquanto contrários. Todavia, esses paradoxos por eles assinalados não cessam de forçar a mente do renano a sair da “clareza” e da “certeza” do determinismo e, assim, acolher o acaso, o contingente e o indeterminado como possibilidades, desafiando seu pensamento a seguir uma outra referência distinta do esforço estabelecido por Demócrito em seu atomismo. A atomística epicurista, com todas as suas contradições, é para ele uma “ciência natural da autoconsciência”, isto é, o “princípio absoluto para si mesma sob a forma da particularidade abstrata, foi elaborada e levada a termo até as últimas consequências, que são sua dissolução e o antagonismo consciente ao universal” (Marx, 2018, p. 125), e, contrariando a concepção da história da filosofia de Hegel, entende a perspectiva de Epicuro enquanto uma distinta consciência de si. Segundo Lukács no seu texto *O jovem Marx, sua evolução filosófica de 1840 a 1844*:

A crítica contida na tese de doutorado ainda não se dirige contra o núcleo central da filosofia de Hegel, nem contra o seu idealismo e nem mesmo contra as contradições do método dialético idealista. O problema central é aflorado na tese somente de modo muito genérico; uma crítica concreta, neste primeiro momento, está dirigida apenas contra alguns aspectos, ainda que importantes, da concepção hegeliana de história (2009, p. 126).

Em sua *História da Filosofia*, Hegel, diz Lukács, traz uma exposição de Epicuro plena de antipatia pelo seu materialismo, e, mesmo não sendo ainda um materialista, o jovem pensador não trazia em sua visão do mundo nenhuma “marca daquele preconceito contra o materialismo que os demais jovens hegelianos tinham recolhido do mestre comum” (Lukács, 2009, p. 127). Nossa hipótese é que a leitura de Epicuro — considerando toda a revisão bibliográfica que faz desde Gassendi a Holbach, passando por La Mettrie, enfim, de toda a tradição materialista francesa — ao que parece, traz um contorno atitudinal que na antiguidade extrapolava as linhas teóricas do atomismo de Demócrito e que nos conduz a insinuar como sendo a origem do materialismo do jovem filósofo. Há uma coragem neste pensador que lhe seduz. Não negar a genialidade de Hegel, mas apontar a insuficiência deste oriunda de seu preconceito é, segundo Lukács, o que torna Marx muito mais capacitado para avançar à luz da potência deste pensamento sistemático e, para alguns, abstruso.

Marx utilizará a dialética de Hegel como método para estudar Epicuro. Por qual motivo? Antes de mais nada, porque acredita ser a mais eficiente forma de abordagem filosófica constituída até então — ainda que a considere na carta escrita ao seu pai em 1837<sup>4</sup> como sendo uma barroca “melodia grotesca” [*groteske Melodie*] — capaz de compreender em que medida, à guisa de exemplo, o Estado, isto é, “a natureza espiritual”, tem por definição um contrato. Nos escritos preparatórios para a tese<sup>5</sup>, Marx chama Epicuro de “filósofo da representação”, o que implica dizer que este pensador do período denominado helenismo<sup>6</sup> tem como escopo investigar como percebemos, compreendemos e descrevemos a realidade. A representação é uma relação com o mundo, todavia, Marx percebera que, diferentemente de Demócrito, Epicuro a entendia enquanto uma relação entre o mundo sensível e a consciência que não era um mero reflexo passivo, mas como um processo ativo de construção da realidade. Epicuro concebe a representação não como um determinismo absoluto dos átomos, mas como algo que envolve

---

4 Essa carta de 1837 é um importante documento em que Marx informa ao pai sobre duas importantes mudanças na perspectiva de seus estudos em Berlim: que havia parado com os experimentos literários e que havia aderido à filosofia hegeliana. Segundo Michael Heinrich, nas biografias recentes a influência e extensão dessa carta são “meramente constatadas” e “nem sequer se pergunta quais poderiam ter sido os motivos de tal mudança”. (Heinrich, 2018, p. 221). Auguste Cornu, todavia, atribui a Eduard Gans a ação de “conquistar Marx para o hegelianismo”, contudo, Heinrich chama a atenção para o fato de Gans sequer ser mencionado na carta.

5 Utilizamos na confecção da dissertação de mestrado, acima citada, a tradução portuguesa da Editorial Presença de 1972 que traz, também, os chamados cadernos preparatórios. A peculiar forma como Marx, ao longo de toda a sua trajetória intelectual, estudava e preparava seus projetos e trabalhos recolhendo anotações, referências e transcrições.

6 O termo “helenismo”, utilizado para designar a filosofia pós-aristotélica, foi cunhado pelo historiador alemão Johann Gustav Droysen (1808-1884). Ele utilizou esse termo em sua obra *Geschichte des Hellenismus* (História do Helenismo) para descrever o período marcado pela influência da cultura grega após as conquistas de Alexandre, o Grande.

a participação da subjetividade humana na percepção e interação com o mundo material. Marx escreve em seu caderno preparatório:

Epicuro, enquanto filósofo da representação, mostra-se neste ponto mais rigoroso do que qualquer outro e define melhor as condições desse fundamento [as representações<sup>7</sup>]. É também o mais exato nas suas deduções; e, tal como os céticos, conduz a filosofia antiga a um sistema acabado (Marx, 1972, p. 11-12).

A eficiência do método não é posta em questão, mas o modo. Não havendo convicções opostas, ao que parece, não existe o favorecimento de um entendimento que delimite categorias e conceitos onde a razão possa exercer seu tribunal e a especulação qualquer forma de superação possível. Decerto que Hegel era cômico disso, todavia, prerrogativas materialistas, ao que parece, não lhe agradavam a rigor. Para Lukács, Marx era muito mais sagaz que seus contemporâneos na observância das qualidades intelectuais de Hegel e do seu método. Contudo, alguma convicção particular dele contra a filosofia prática de Epicuro o tornava seu detrator e, talvez, esse detalhe tenha sido um atrativo, ou, quiçá, apenas a influência de alguma opinião de Bruno Bauer acerca da resistência de Epicuro aos aspectos religiosos do seu tempo. Podemos, com efeito, notar que a proposta do estudo doutoral de Marx, ao apresentar a diferença entre as filosofias da natureza, em parte procura afirmar que o sábio do Jardim possui mais que uma explicação apenas teórica. O intuito das tertúlias é constituir a base de uma prática de transformação do indivíduo por intermédio de uma doutrina filosófica que reforça a possibilidade da escolha. Nesse sentido, Epicuro e Prometeu possuem posturas convergentes.

Marx (2018, p. 24) ressalta a frase do personagem de Ésquilo ao anjo [ἄγγελος] Hermes: “(...) por tua servidão, minha desventura eu, com toda certeza, jamais trocaria. Acho bem melhor ser escravo daquela pedra, do que a Zeus pai servir de fiel mensageiro”. Em seu estro, tão reconhecido em suas obras, o pensador erige o panteão filosófico colocando em Prometeu a representação da filosofia e em Epicuro o vaticinador de “coração absolutamente livre, dominador do mundo”, a quem as palavras servem qual setas: “Ímpio não é quem elimina os deuses aceitos pela maioria, e sim quem aplica aos deuses as opiniões da maioria” (Marx, 2018, p. 23).

### **A tese acerca da *Diferença***

O estudo doutoral do jovem Karl Marx ao investigar a natureza da liberdade, destaca, como já dissemos, a curiosa particularidade acrescida pela leitura de Lucrécio da doutrina do mestre do Jardim. Essa particularidade é o desvio (*clinamen*) do átomo de seu movimento de queda em linha reta. O *clinamen* é, como

---

7 Adendo meu.

também já mencionamos, o termo dado por Lucrécio em *De Rerum Natura* (sobre a natureza das coisas), obra em que Epicuro surge poeticamente como Prometeu, concedendo aos homens o “remédio” para a dor, o medo e a perturbação. Eis, para Marx, a distinção central entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro: o espontâneo movimento de desvio do átomo da sua trajetória no infinito vazio. Demócrito, segundo Marx, via o átomo somente como expressão universalmente objetiva do estudo empírico da natureza em geral, preso à necessidade. Esse mínimo desvio que, no dizer de Lucrécio, é *tantum quod momen mutatum dicere possis*, o suficiente para que se possa dizer que ocorre uma mudança, introduz no cosmo um “princípio de indeterminação” que é fundamental para a ética. Que o *clinamen* seja um absurdo lógico, geométrico, mecânico ou físico, como apontou Michel Serres, ou seja, conforme Cícero, vergonhosa atitude arbitrária para quem se diz um físico de extrair efeito sem causa, isso pouco importa a Marx desde que sirva como a hipótese fundamental acerca de como pode ocorrer a uma vontade o desejo de subtrair-se ao destino. Em Epicuro, o atomismo com todas as suas contradições é, portanto, enquanto ciência natural da consciência de si, desenvolvida e elaborada até a sua última consequência com o intuito de libertar as consciências das ilusões que encobrem o real. A consciência de si é descrita, por Marx, como sendo uma tendência a se afirmar nas próprias coisas em que apenas se poderia afirmar, negando-as. A filosofia precisa ser negada. Hegel precisa ser, evidentemente, negado.

Digamos, raciocinando de forma bem simples, que se o destino for entendido como uma sucessão de eventos determinados anteriormente a ocorrer, isto implica que todos os eventos ocorrem de forma necessária, encadeados de modo que os fatos da vida sejam uma ordem predeterminada. Na filosofia helenista, o estoicismo é a corrente que mais claramente entende o destino como necessidade. Os estoicos, como Cícero e Sêneca, viam o universo como regido por uma ordem racional (*logos*) que determinava todos os eventos. Essa ordem cósmica, sendo inevitável, fazia do destino a própria manifestação dessa necessidade. O jovem Marx tinha, diga-se de passagem, um projeto deveras ambicioso de apresentar, em suas palavras, “extensamente o ciclo da filosofia epicurista, estoica e cética em conexão com a especulação grega como um todo” (Marx, 2018, p. 21). Esse projeto, embora não tenha sido realizado, teve um conjunto de leituras preliminares suficiente para uma decisão, qual seja, a de empreender o estudo do epicurismo.

No materialismo epicurista, a ordem da natureza é explicada pela combinação e movimento dos átomos no vazio, sem a necessidade de intervenção divina ou propósito final. Essa ordem surge do acaso e da necessidade, não de um plano predeterminado. A explicação pela filosofia da natureza de Epicuro, tomando Lucrécio como arauto, diz que *incerto tempore incertisque locis* átomos irão colidir com uma nova e singular força tão indeterminável quanto contingente. Temos, com efeito, Marx imerso em um modo de filosofar avesso ao determinismo de qualquer sorte, particularmente, o teleológico. Nesse sentido, afirmamos que um

caminho possível de investigação acerca de quando se inicia, e com qual aporte intelectual dialoga, a sua gradual ruptura com o sistema de Hegel nos anos de 1839 a 1841 estão nos estudos preparatórios para a tese. Essa obra chegou, infelizmente, aos nossos dias incompleta. Sua conclusão da primeira parte, que versa sobre as considerações genéricas acerca da diferença entre os dois atomistas, infelizmente se perdeu. Exposta a forma genérica, o texto alerta para a dificuldade de uma possível identificação destas filosofias da natureza. Na segunda parte, Marx trata da diferença num plano pormenorizado e, de chofre, apresenta a distinção fundamental entre as duas filosofias da natureza: a declinação do átomo da linha reta; as qualidades do átomo; a dicotomia atômica *arché* (princípios) e *estoicheia* (elementos); e, nos quarto e quinto capítulos, respectivamente, trata do tempo e da teoria de Epicuro “sobre os corpos celestes e os processos que lhe dizem respeito, ou, sobre os meteoros” (Marx, 2018, p. 111) – expressão que abrange sinteticamente tudo aquilo e que se opõe, segundo Marx, não só à opinião de Demócrito, mas à de toda a filosofia grega. Conclui com um apêndice que, diferentemente do capítulo V da primeira parte que se perdeu totalmente, chegou-nos incompleto. Trata-se, com efeito, de uma crítica da controvérsia de Plutarco contra a teologia de Epicuro que se justifica, conforme Marx, porque esta crítica não constitui um fenômeno isolado. É, pelo contrário, um bom exemplo daquilo que uma mentalidade teologizante pode fazer à filosofia.

Com efeito, a obra doutoral de Marx é o ponto de partida essencial para a compreensão de sua concepção materialista futura. Afirmamos que ele flerta com o materialismo e que os estudos realizados acerca da filosofia helenista foram o início do processo de sua gradual ruptura com o hegelianismo. Embora a crítica a Hegel ganhe um relevo incontornável com a publicação de *A Essência do Cristianismo* por Feuerbach, no mesmo ano em que Marx obtém seu doutorado (1841), não se pode ainda classificá-lo como materialista histórico, como aludem corretamente seus comentadores. Concordamos, no entanto, que é crucial dimensionar essa influência do epicurismo para vislumbrar os elementos que sugerem tratar-se de uma espécie de materialismo prático. Entendemos esse conceito como sendo o materialismo filosófico — presente em correntes de pensamento que compreendem que tudo o que existe é apenas matéria, ou, pelo menos, depende dela — somado a uma postura relativamente ascética diante dos prazeres, isto é, não se abstendo, mas submetendo-os ao crivo de uma autoconsciência do sábio face ao cosmos que vislumbra. No caso do epicurismo, o bem viver (*eudaimonia*) não se apresenta como um fim (*telos*), mas como um constante “meio”. Temos aqui que dar atenção ao jovem pensador leitor de Epicuro. O materialismo prático afirma o papel constitutivo da ação transformadora do homem na reprodução e na transformação das formas sociais. A contraposição que faz entre as citadas filosofias da natureza, embora tendendo de forma evidente para o lado do epicurismo, não deixa de salientar que, de um ponto de vista estritamente científico, o princípio da “suspensão do juízo” fora bem melhor expresso em Demócrito. Em Demócrito

há uma certa ansiedade pelo saber que inquieta e perturba. Que faz com que a filosofia não consiga por completo satisfazer, de tal modo que, inclusive, possa dar espaço para a suposição da sua supressão por uma “nova ciência”. Demócrito fora aquele que mais ampliara a sua abordagem especulativa, a ponto de causar inveja até mesmo em Platão. O *modus operandi* da ciência moderna tem muito mais a ver com Demócrito que com Epicuro, e Marx constata isso quando considera, da estrita perspectiva da racionalidade, absurda a hipótese do *clinamen*. Mas, então, por qual motivo Marx prefere Epicuro? Se o professor Quartim de Moraes estiver correto e a filosofia não for escrava dos documentos, e mais, se seu elemento for a “transparência do conceito”, então, achamos um motivo para enunciar a influência de Epicuro na gênese do materialismo prático no jovem Karl Marx.

Esse esforço acadêmico realizado entre 1839 e 1841, como já dito acima, tinha por escopo, de início, ser um estudo comparativo entre as filosofias clássica e helenista a partir do tema da consciência de si. A abordagem de Marx considera a possibilidade do desvio do átomo de sua trajetória de curso, tal qual aponta o epicurismo, uma ruptura com o determinismo de Demócrito. Não são noções de materialismo idênticas, como querem Leibniz e Hegel. O epicurismo tem forte característica de habilitar seus adeptos a um uso prático da razão e serviu para Marx detectar traços do idealismo hegeliano no materialismo de Feuerbach, traços que tornam esse materialismo demasiado teórico e abstrato. O que essa ideia de desvio do átomo sugere a Marx? De início que o atomismo original, no formato de Leucipo e Demócrito, não determina nada a respeito da causa ou da trajetória dos corpúsculos elementares no vazio. Há, com efeito, uma particularidade que, seguindo o que diz Hegel, já é posta por meio dela mesma. Essa particularidade é a negatividade absoluta. O que o desvio nega? Nega o determinado, isto é, a queda em linha reta. Embora a superação crítica da filosofia de Hegel por Marx não esteja ainda plenamente desenvolvida neste período, a tese atua como um laboratório onde ele estabelece as bases temáticas de sua futura ruptura. O problema central — o Estado hegeliano — só será elaborado em 1843, mas aqui o foco reside em aspectos da concepção hegeliana de história. A exposição de Epicuro feita por Marx parte da *História da Filosofia* de Hegel, mas alterando radicalmente em relação à interpretação hegeliana da imagem e a colocação histórica de Epicuro.

Nos anos em que escreve a sua obra doutoral, Marx ainda não era materialista, e sua visão do mundo se expressava num panteísmo radical e ateu, com traços de idealismo objetivo. Mas nele não havia nenhuma marca daquele preconceito contra o materialismo que os demais jovens hegelianos tinham recolhido do mestre em comum. Em Marx, havia espaço de acolhimento para o materialismo, e ele considerou Epicuro como espírito esclarecido, como ateu que libertou o homem do temor aos deuses; por isso, em sua avaliação da dissolução histórica da filosofia antiga, colocou-o numa posição superior à dos céticos. Marx corrigiu a afirmação de Hegel segundo a qual a doutrina atomista de Demócrito seria idêntica à de Epicuro e que, no fundo, a filosofia deste último não teria dado nenhum passo à

frente com relação à do primeiro. Ele demonstrou, em contraste, que a filosofia epicurista continha elementos essenciais de uma concepção dialética do acaso que abriria ao homem o caminho para a liberdade.

Para podermos compreender bem a diferença entre os atomistas, precisamos, como diz Marx, considerar que Demócrito elaborou “apenas” uma filosofia da natureza, enquanto Epicuro, com sua doutrina atomista, apresenta, ao mesmo tempo, categorias que se referem a determinações da vida humana e social. Marx demonstra como Epicuro, por exemplo, interpretou a repulsão na forma mais concreta, compreendendo-a como o contrato, do ponto de vista político, e como a amizade, do ponto de vista social. Havíamos dito acima, como o abstrato tende ao concreto. Quando os conceitos estão na mente traduzindo o real de forma abstrata, eles não cessam de contribuir para a possibilidade concreta de deixarem a condição virtual para poder atualizar-se no real. Ao nível público, o contrato, do ponto de vista político, é o fundamento entre os indivíduos e a “natureza espiritual” do Estado. Na esfera privada, no entanto, a amizade é concebida do ponto de vista social. O modo pelo qual Marx formulou este ponto culminante do epicurismo torna-se evidente à luz de sua simpatia pelo materialismo como ideologia da emancipação humana. A avaliação da diferença entre Demócrito e Epicuro é, portanto, um passo importante na direção da superação dos limites do materialismo metafísico, na medida em que, pela primeira vez, tenta-se apreender os primeiros elementos dialéticos na própria tradição materialista, bem como formular uma concepção universal da história que se diferencia radicalmente da visão hegeliana. Por que Epicuro e não Aristóteles?

Por qual motivo Marx escolhe essa abordagem atomista e, dentre os dois representantes dessa corrente, acolhe Epicuro? Nossa suposição é que, nele, Marx verifica a importante conexão existente entre a teoria e a prática, isto é, ser um modo de filosofar cujos conhecimentos da natureza (física) coadunam com uma “arte de viver” que é a sua ética. Essa conexão repousa naquilo que posteriormente se chamou filosofia da *praxis*, a qual, segundo Gramsci, pode ajudar as massas a se tornarem protagonistas da sua história à medida que um número cada vez maior de membros da classe subalterna venha a adquirir conhecimentos especializados, desenvolvendo a possibilidade de uma atividade intelectual crítica e uma visão de mundo coerente.

É preciso levar em conta que a “visita” de Marx aos antigos não é de forma alguma um diletantismo. Acreditamos que ele busca encontrar as ferramentas adequadas, apropriar-se de conceitos que o auxiliem na construção de uma concepção materialista de mundo que é política, mas, também, catártica no sentido em que requer uma forma de conversão. Em Epicuro, o pensador viu no atomismo uma forma de resistência e luta a partir dos seus próprios princípios, isto é, do átomo, do vazio e do desvio (*clinamen*): respectivamente, *arché*, mundo e possibilidade. Nesse sentido, a escolha dele por Epicuro parece opor-se à escolha “consensuada”



pelos demais (jovens hegelianos) por uma ciência já acabada (a filosofia de Hegel) de forma “ingênua e não crítica”.

### **A trajetória futura de Karl Marx através dos ecos do passado**

Tendo estabelecido a centralidade da liberdade no atomismo epicurista, evidenciada pelo conceito de *clinamen*, mergulhamos agora nessa primeira obra de Karl Marx, *Diferença entre a Filosofia da Natureza de Demócrito e a de Epicuro*, buscando vislumbrar a continuidade e o alcance dessa influência materialista antiga na trajetória futura do filósofo. Segundo Denis Collin, podemos descobrir, partindo dessa tese até os últimos textos propriamente ditos filosóficos – a *Sagrada Família* e a *Ideologia Alemã* –, uma verdadeira continuidade de inspiração atomista que talvez só fosse interrompida provisoriamente pelos manuscritos de 1844. O projeto maduro de Marx, sabemos, era realizar a crítica da Economia Política e, sobretudo, impulsionar a construção do comunismo enquanto movimento político da classe operária atuante na sociedade capitalista. O comunismo se apresenta, portanto, como a forma de sociedade que a classe trabalhadora criaria através da luta. A questão que se impõe, e que orienta esta seção, é rigorosamente esta: em que medida a negação do determinismo atômico por Marx, ao valorizar Epicuro, ecoa e fundamenta o princípio da ação e da *praxis* no pensamento comunista futuro, rejeitando qualquer interpretação puramente determinista de sua obra?

A pergunta que se desdobra é: qual a real influência do atomismo antigo na gênese da concepção do materialismo histórico de Marx? Em sua trajetória futura, considerando que nossa análise se posiciona entre 1839 e 1841, Karl Marx não se limitará à contribuição teórica para a construção da associação internacional dos trabalhadores; ele se revela um homem da prática, da ação, superando a hesitação na produção teórica. É crucial, então, determinar a clivagem produtiva entre o epicurismo e o comunismo. Para isso, questionamos o *quantum* dessa imaginação social não foi animada pela leitura da experiência filosófica comunitária do Jardim. Embora autores como Platão (*A República*) ou Thomas More (*Utopia*) apresentem o ideal de harmonia em sociedades de homens livres e fraternos, devemos indagar a natureza dessa Totalidade: seria ela aberta ou fechada? Buscamos discernir se o ideal é a virtude da *pólis* clássica de Platão (totalidade estamental) ou a versão ético-moral cosmopolita de concepção epicurista (totalidade inclusiva). Embora o exercício especulativo de conceber a Academia de Platão como uma totalidade fechada e estamental seja tentador, reconhecemos o risco da especulação apresada, focando nosso estudo na dimensão prática e aberta sugerida pela doutrina de Epicuro.

De fato, a organização do Jardim de Epicuro sugere uma Totalidade aberta, sustentada no pressuposto de inclusão e na adoção de seu modo de vida. Se o prazer é o objetivo da vida, e a felicidade se fundamenta nele — simplicidade que certamente fascinou o jovem Marx —, o aspecto crucial a ser analisado reside na destinação dessa “bem-aventurança”: seria ela puramente individual ou teria

uma implicação para a sociedade como um todo? Essa é a chave para verificar a perspectiva materialista prática, aquela que deliberadamente pôs de lado considerações teológicas em prol de uma razão prática. Conforme Vieira (2017, p. 52), Marx vislumbrava uma filosofia da história alternativa à hegeliana, indicando que o ocaso da democracia grega decorreu de uma razão filosófica que sofreu uma viragem teológica. A tarefa de Marx, portanto, era resgatar a razão filosófica e retirar a dialética hegeliana desse deslize teológico que favoreceu a monarquia absoluta. Nesse sentido, ser materialista para o jovem Marx implica uma ruptura arguta com toda forma de determinismo, um princípio que evolui para uma democracia radical (liberdade de expressão e crítica política), o que, segundo Lukács, marca sua ruptura com os jovens hegelianos de esquerda.

A questão se aprofunda: Marx pensou o homem comunista em sua subjetividade, a partir dos ecos do passado? Ao retomar o materialismo de Epicuro — devedor dos materialistas do século XVIII —, Marx se depara com uma concepção que, embora pobre em especulação para Hegel, estava atenta à causalidade e à coleção de dados. Ocorre que Hegel não verificou o verdadeiro objetivo do epicurismo: a transformação do caráter da especulação em razão prática. A influência de Hegel é inegável, e ela retornará nas questões do Marx maduro, tal como Aristóteles na análise da crematística. Resta, então, verificar o legado ativo de Epicuro. É verossímil afirmar que, apesar da trajetória futura dos escritos marxianos poder sugerir um determinismo econômico (incluindo o projeto de Engels para encontrar leis dialéticas da Natureza), não se pode classificar categoricamente Karl Marx como determinista. O percurso feito pelo jovem filósofo na doutrina epicurista, e particularmente o endosso ao *clinamen* lucreciano, indica o oposto: o desvio é o princípio da possibilidade permanente da mudança, da contradição e da negação. Concluimos com Denis Collin, que nos exorta a não conceber o pensamento de Marx como uma doutrina acabada, mas sim como “um jogo de contradições, que não cessam de se deslocar para tentar ‘pensar a vida’ (ainda uma palavra de ordem hegeliana) em toda a sua complexidade” (Collin, 2019, p. 13). É nessa complexidade, assentada na contingência do átomo, que reside a gênese da *praxis* revolucionária marxiana.

## Referências bibliográficas

- ALBINATI, A. S. C. B. Marx, leitor de Demócrito e Epicuro. *Verinotio* – revista on-line de Educação e Ciências Humanas, n. 3, ano II, 2005.
- COLLIN, D. Epicuro e a formação do pensamento de Karl Marx. Trad. Rita de Cassia Mendes Pereira. *Politeia: História e sociologia*, Vitória da Conquista, v. 6, n. 1, p. 15-27, 2006.
- COLLIN, D. *Compreender Marx*. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.
- HEGEL, G. W. F. *Lecciones sobre La Historia de la Filosofia*. Trad. Wenceslao Roces. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

- HEINRICH, M. *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna*. Trad. Claudio Cardinali. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.
- LUKÁCS, G. *O jovem Marx e outros escritos de filosofia*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MARX, K. *Diferença entre as filosofias da natureza em Demócrito e Epicuro*. Trad. Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa: Editorial Presença, 1972.
- MARX, K. *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*. Trad. Nêlio Schneider. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.
- MORAES, J. Q. de. *Epicuro: as luzes da ética*. São Paulo: Editora Moderna, 1998.
- MORAES, J. Q. de. *Clinamen: O milenar prestígio de um falso Problema*. In: BENOIT, H; FUNARI, P. P. (orgs) *Ética e Política no mundo Antigo*. Campinas: IFCH/Unicamp, 2001.
- MORAES, J. Q. de. A Linha Reta e o infinito na refundação epicureana do atomismo. *Cad. Hist. Fil. Ciênc.*, série 3, v. 14, n° 1, p. 7-47, Campinas: 2004.
- SERRES, M. *O Nascimento da física no texto de Lucrecio Correntes e Turbulências*. Trad. Pérciles Trevisan. São Paulo: EdUFSCAR, 2003.
- VIEIRA, J. L. *Caminhos da liberdade no jovem Marx: Da emancipação política à emancipação social*. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2017.

## Resumo

A concepção epicurista do *clinamen* – o desvio do átomo de sua queda em linha reta – sugere, dentro da concepção atomista, a possibilidade da ruptura com o determinismo. O aporte dessa filosofia do denominado período helenista teria de algum modo contribuído para a concepção materialista do jovem Marx? Este artigo tem por objetivo apresentar o possível uso realizado pelo jovem Marx da sua leitura do sábio do jardim como ferramenta (*organon*) para uma leitura de Hegel distinta dos demais companheiros do *Doktor Club* afeita, contudo, a opor totalidades aberta e fechada na apreensão do desvio como possibilidade – ao nível atômico – de uma justificativa indeterminista da liberdade.

**Palavras-chave:** *clinamen*; Liberdade; Epicuro; Materialismo.

## Abstract

The Epicurean conception of the *clinamen* – the deviation of the atom from its fall in a straight line – suggests, within the atomist conception, the possibility of breaking with determinism. Would the contribution of this philosophy from the so-called Hellenistic period have somehow contributed to the young Marx's materialist conception? This article aims to present the possible use made by the young Marx of his reading of the garden sage as a tool (*organon*) for a reading of Hegel different from the other companions of the *Doktor Club*, however, opposing open and closed totalities in the apprehension of the deviation as a possibility – at the atomic level – of an indeterministic justification of freedom.

**Keywords:** *clinamen*; Freedom; Epicurus; Materialism.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

# CRÍTICA marxista

**A guerra e a esquerda**

Marcello Musto

**Da dialética da natureza à ecologia anticapitalista**

Laura Luedy

**O silêncio de Pompey**

François Albera

**DOSSIÊ: Para onde vai a América Latina?**

# 55